

Seminário de História Religiosa Moderna
8ª Sessão – Encerramento 18 de Novembro de 2010 – 17.00h

1. **Comunicação:** - **O cristianismo no império português: modos de evolução e adaptabilidade** por Laura de Mello e Souza – Universidade de São Paulo - Brasil
2. **Presenças:** 19
3. **Introdução:** José Pedro Paiva saudou todos os presentes, muito particularmente a palestrante que viera do Brasil para dirigir a última sessão do ciclo do Seminário de História Moderna, o qual decorreu ao longo do ano de 2010. A todos lembrou que a pessoa inicialmente pensada para a sessão de encerramento tinha sido o Professor John Russel-Wood. Todavia, o seu falecimento inesperado forçou a Comissão Científica do Seminário a encontrar uma alternativa a qual recaiu em Laura de Mello e Souza, da Universidade de S. Paulo, uma das mais prestigiadas modernistas da historiografia brasileira. Paiva, em nome da Comissão Científica, agradeceu a disponibilidade da conferencista e, após enaltecer alguns dos méritos dos estudos sobre o império português do Professor Russel-Wood, sugeriu que a evocação visava, de algum modo, constituir uma homenagem em sua memória. De seguida, referindo-se à palestrante da tarde, caracterizou os eixos temáticos e alguns dos posicionamentos historiográficos da sua produção científica, destacando a sua dimensão polifacetada, originalidade, inteligência e engenhosidade, para além da sua ampla dimensão. Chamou ainda a atenção dos presentes para alguns dos títulos publicados por Laura de Mello e Souza.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicados no *site* habitual.
5. **Bibliografia:** Não foi apresentada especial bibliografia sobre a matéria que se tratou nessa tarde de seminário.
6. **Intervenções livres:** Após a intervenção de fundo a cargo de Laura de Mello e Souza abriu-se o habitual espaço para intervenções livres sobre algumas questões colocadas no decurso da exposição, as quais muito contribuíram para um enriquecimento mútuo, proporcionando proveitoso debate. Intervieram Federico Palomo, Ângela Barreto Xavier, Matilde Santos, Ana Ruas Alves, André Ferrand de Almeida e José Pedro Paiva. Pediu-se uma avaliação das razões e do impacto desigual que a historiografia europeia, concretamente a italiana e de alguns países da América latina (mexicana, argentina, peruana) têm tido na produção historiográfica brasileira. Associado a essas questões, indagou-se sobre a prática escrita que os agentes da evangelização ali fizeram nos séculos XVI e XVII (relatórios, cartas anuais, catecismos, etc.). De forma pertinente, outro dos tópicos propostos para análise foi o de saber por que motivos são relativamente escassos na historiografia religiosa brasileira estudos sobre outras corporações de clérigos regulares que não os jesuítas. A razão da presença dos agentes da evangelização foi sem dúvida a população ali sediada. Para além dos colonos de origem europeia, depararam-se com nativos (índios) e, um pouco mais tarde, com uma população negra deslocada de África. Em termos de tratamento e preocupação de evangelização, importava saber como incidiu o esforço missionário sobre índios e população negra, verificando até que ponto foram objecto de formas distintas de evangelização e de comunicação. Entre os oradores mais destacados no Brasil de Seiscentos figura o Padre António Vieira. Qual teria sido o impacto dos seus sermões nas populações nativas? Ou seja, são conhecidos níveis

diferenciados de exposição e distintas formas de apropriação da parenética Vieiriana. Nos anos mais recentes, várias abordagens históricas, com metodologias diferentes, têm sido feitas por autores ou grupos de trabalho sobre o período moderno da evangelização. Assinalou-se o esforço que a comissão de estudos de história da Igreja na América latina (CEHILA) tem desenvolvido nessa área: estaremos apenas perante uma leitura histórica cristã, ou diante de um estudo crítico que sobre a matéria releva suficiência metodologia com consistente grau científico, aceitável pela comunidade académica? Outro reparo se fez: porquê tanta ausência a referências ao nordeste do Brasil por parte da conferencista? No concernente às referências doutrinárias, contidas em obras que no espaço europeu se produziram e tiveram razoável recepção, reconheceu-se não terem tido igual recepção em universos de níveis culturais diferentes e perguntou-se se não é uma tautologia sustentar que os receptores do cristianismo, sobretudo os indígenas e escravos, acabaram por praticar um cristianismo repleto de heterodoxias. Sublinou-se que um dos problemas da histotografia religiosa no Brasil é o debate em torno da aplicação das disposições tridentinas naquelas paragens, propondo-se que essa é uma questão que não está bem colocada e que antes de lhe tentar responder é imprescindível apurar/definir o que foi a aplicação de Trento em espaços extra-europeus, pouco tocados pelas doutrinas protestantes, com estruturas eclesiásticas incipientes ou com pouca capacidade de penetração territorial, onde mais do que reformatar um cristianismo já existente foi necessário evangelizar largos contingentes de população que nunca tinham ouvido o nome de Cristo e que desconheciam a Igreja romana. No fundo, a deslocação do corpo doutrinário do Concílio de Trento para os territórios de além-mar deu-se de forma muito desigual. Na própria celebração conciliar foi notória já a ausência de bispos do império português e do império espanhol. A coroa de Espanha, inclusive, vetou a presença de bispos da América latina (espanhola) em tal celebração. Até ao fim do século XVI a adaptabilidade de Trento nesses territórios circunscreveu-se praticamente à casa episcopal. A pastoral do “possível” arrastou-se praticamente até fins do século XIX.